

REALIDADE E ARTIFICIALIDADE

Uma análise da construção social dos sentimentos a partir da experiência de uma Inteligência Artificial



Reality and artificiality: an analysis of the social construction of feelings from the experience of an Artificial Intelligence

Bárbara Barbosa Duarte dos Santos
Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Instituto de Ciências Sociais | Rio de Janeiro, Brasil
bt.dbarbosa@gmail.com | ORCID iD: 0000-0002-4293-3138

Resumo

Este ensaio propõe discutir, baseado no filme Her, como a experiência e a expressão dos sentimentos se constituem socialmente através das relações de convívio social. A metodologia apoia-se em uma revisão narrativa, com base teórica de obras produzidas no campo das Ciências Sociais, com ênfase em Antropologia das Emoções. O objeto de análise são as emoções desenvolvidas pela personagem Samantha, um sistema operacional de inteligência artificial. O objetivo é realizar uma contraposição teórica às noções biológico-corporais acerca das categorias emotivas. Considerando a discussão realizada entre as obras e a relação de dois personagens opostos, é possível inferir que a emocionalidade se manifesta por meio de redes coletivas de interdependência. Assim, as emoções e suas formas de expressão se apresentam como constitutivamente sociais.

Palavras-chave

emoções; construção social; realidade; artificialidade; cinema.

Abstract

This essay aims to discuss, based on the film Her, how the experience and the expression of feelings are socially constituted through social conviviality. The methodology is based on a narrative review based on theoretical works produced in the field of Social Sciences, with emphasis on Anthropology of Emotions. The object of analysis is the emotions developed by the character Samantha, an artificial intelligence operating system. The objective is to propose a theoretical opposition to biological-body notions about emotional categories. Considering the discussion between the works and the relationship of two opposing characters it is possible to infer that emotionality is manifested through collective networks of interdependence. Thus, emotions and their forms of expression present themselves as constitutively social.

Keywords

emotions; social construction; reality, artificiality; movies.



Introdução

O tema das emoções está presente em todos os campos da vida humana, inclusive quando o assunto é entendido como um tabu. Restringir ou não determinado assunto é uma ação orientada, isto é, possui uma intenção que se relaciona com o tema em questão. Nesse sentido, ainda que determinadas formas de expressão das emoções sejam proibidas, restringidas ou limitadas, as emoções estão presentes no próprio ato repressivo. Falar das emoções é falar das vidas e relações humanas. Neste trabalho, contudo, o enfoque se dá sobre uma produção audiovisual situada em um contexto no qual as emoções estão marcadas e explicitamente presentes. A relação entre as personagens do filme é repleta de emocionalidade. Com o intuito de realizar uma análise antropológica situada, evitando, assim, abordar as emoções sob a ótica do senso comum, este ensaio apoia-se, principalmente, nas formulações e questionamentos desenvolvidos pelo paradigma da Antropologia das Emoções.

Claudia Rezende, em seu ensaio sobre as mágoas de amizade (2002), apresenta um panorama dos estudos sobre as emoções a partir da perspectiva das Ciências Sociais. Segundo a autora, um dos primeiros autores a discutir a dimensão social das emoções foi Émile Durkheim em seus estudos sobre os fenômenos da vida religiosa. Segundo Durkheim, os rituais religiosos possuíam a função social de reafirmação dos sentimentos coletivos, fundamentais para a manutenção da unidade de uma sociedade. Partindo de uma perspectiva distinta à de Durkheim, o sociólogo Georg Simmel também se debruçou sobre o caráter social dos sentimentos. Argumentando que as interações dos indivíduos dão origem às formas sociais, Simmel aponta para o caráter sociológico dos sentimentos, posto que “seu conteúdo afetivo sustenta as formas sociológicas e unifica o dualismo básico em todas as associações” (Rezende 2002:72). Contudo, é a partir de Marcel Mauss, influenciado pelas formulações de Durkheim, que o estudo das emoções se desenvolve de forma mais aprofundada, sendo compreendidas como fato social. Com o surgimento da Antropologia das Emoções, nos anos de 1980 no cenário norte-americano, os estudos sobre emoções são grandemente alterados. Tendo como principais referências as autoras Michelle Rosaldo, Catherine

Lutz e Lila Abu-Lughod, consideradas as três “mães” fundadoras, o campo da antropologia das emoções questiona a noção essencial e universalista das emoções.

Diante disso, este ensaio pretende discutir como os sentimentos são construídos durante as relações e dinâmicas sociais, sendo compreendidos, portanto, como construções histórico-sociais e culturais, desse modo, não naturais. Para tal, faz-se necessário recorrer ao debate fundante da antropologia das emoções que parte do contraponto às formulações biologizantes sobre o tema. A premissa do trabalho se baseia em um exercício de análise que, inicialmente, parece se afastar radicalmente do elemento humano na formação e expressão das emoções, ao pretender analisar um ente puramente tecnológico e sem formação biológica: a Samantha. Entretanto, é precisamente este ponto que dará bases ao que se objetiva demonstrar.

O desenvolvimento do texto foi dividido em quatro partes: inicialmente, será feita uma apresentação contextual das discussões teóricas empreendidas por autoras e autores que abordam os temas biologia e cultura, relações e construções sociais, e emoções; em seguida, será introduzida a descrição do filme, dando enfoque a algumas cenas específicas que visam ilustrar o estudo pretendido; na terceira parte, será realizada a análise própria do trabalho, em consonância com a seção teórica e as cenas do filme; por fim, serão apresentadas conclusões finais extraídas do exercício de exploração analítico. As conclusões pretendidas orientam-se a corroborar o pressuposto teórico no campo da antropologia das emoções sobre a constituição das emoções como elementos sócio-históricos e culturais. Assim, este trabalho apresenta-se como um estudo exploratório, partindo de formulações teórico-conceituais anteriormente desenvolvidas, utilizando-se de uma produção cinematográfica como alegoria de análise e objetivando contribuir com as discussões realizadas na contemporaneidade.

A antropologia das emoções

Na história das sociedades ocidentais, as emoções foram vistas e entendidas, tanto no campo do senso comum quanto no campo científico e acadêmico¹, como pertencentes à biologia e,

¹ Resultado, principalmente, de influências históricas das correntes antropológicas evolucionista cultural e difusionista. Estas argumentam a existência de um desenvolvimento de progresso linear da humanidade,

posteriormente, também à psicologia. Assim, pensar as emoções, nas sociedades ocidentais, faz parte de um exercício que compreende suas características e elementos como psico-biológicos, constituindo a natureza dos seres humanos em uma espécie de condição humana. Esta noção ocidental é discutida por Catherine Lutz (1988) após a autora apresentar o conceito de etnopsicologia, o qual se refere:

[...] ao sistema de conhecimentos que define e explica o que é a pessoa - seus atributos, suas reações, seu modo de se relacionar com os outros - que permite que ela monitore a si própria e aos outros, possibilitando assim alguma antecipação dos comportamentos (Rezende e Coelho 2010: 20).

Desse modo, a etnopsicologia se apresenta como elemento cultural não fixado, podendo variar de acordo com os diferentes contextos culturais. Ao abordar as sociedades ocidentais, Lutz (1988) chama atenção para um dualismo fundamental existente nesta etnopsicologia moderna: a oposição entre corpo e mente, estando o corpo e a biologia atrelados à emoção e a mente atrelada à razão².

A concepção psico-biológica das emoções impacta diretamente nas percepções sociais e culturais que compõem uma sociedade. As noções de gênero, por exemplo, estão imersas nessas dinâmicas da emoção e do corpo. Sherry B. Ortner (1979) aborda como as percepções ocidentais acerca das categorias natureza-mulher e cultura-homem fundamentam a estrutura de desvalorização das mulheres em relação aos homens, argumentando que a cultura possui *status* e capacidade de transcender a natureza e, assim, subordiná-la. Traçando um paralelo com o argumento de Ortner, nas sociedades ocidentais a mulher encontra-se atrelada à tríade corpo-emoção-natureza, enquanto o homem é atrelado à composição mente-razão-cultura. Desse modo, o entendimento acerca das emoções está intrinsecamente ligado ao gênero.

A perspectiva biologizante das emoções fez parte do campo intelectual e científico durante longo período da história, vide a predominância no final do século XIX das correntes

baseado em três estágios fundamentais: selvageria, barbárie e civilização. Sendo as sociedades europeias, os exemplos de civilização.

² É importante ressaltar que a análise que se procura realizar neste trabalho faz referência apenas à etnopsicologia ocidental moderna, fundamentada na noção de essência das emoções, que são entendidas como fenômenos psico-biológicos e universais dos seres humanos.

antropológicas evolucionista cultural e difusionista. É a partir de Marcel Mauss³ que a atenção para a dimensão desse tema se volta ao campo do social em primeiro plano⁴ de forma aprofundada, sendo o seu clássico *A expressão obrigatória dos sentimentos* (1980) considerado a primeira formulação teórica que segue essa linha de pensamento. Nesse sentido, o campo da antropologia das emoções constitui seu olhar sobre os sentimentos a partir da leitura do social, como um produto de convenções e normas e não mais inscritos no campo biológico-natural, se afastando de uma noção ontológica, essencialista e universalista do estudo das emoções. Segundo Rezende e Coelho (2010:12), “Fazer uma ‘antropologia das emoções’ é colocar em xeque essas convicções [essencialistas] tratando-as como ‘representações’ de uma dada sociedade”.

Essa perspectiva da antropologia das emoções também é analisada por David Le Breton (2009), que desenvolve o caráter simbólico-social das emoções, apoiado na ideia de um aprendizado das normas sociais e inserindo a questão da emoção no campo da moralidade, isto é, como se espera que os indivíduos reajam emocionalmente às situações. Segundo o autor, a afetividade está imbuída de situações relevantes da vida coletiva e pessoal, fazendo com que os indivíduos interpretem os fatos e coloquem em prática um sistema de valores de acordo com uma determinada referência moral. Assim, se o sentido das emoções e dos sentimentos se formam dialogicamente a determinado conjunto de regras e moralidades, conseqüentemente, as reações individuais apresentam-se como coletivas, uma vez que seus sentidos e significações serão dados socialmente.

Nesse debate, o caráter histórico das emoções merece destaque. Segundo Le Breton, “a emoção não é fixa, ela é diluída nas malhas do tempo [...], alterando seu significado de acordo com as vicissitudes da vida pessoal” (Le Breton 2009:118). Autoras como Lila Abu-Lughod e Catherine A. Lutz (1990) falam da importância de historicizar e relativizar as emoções, dessa forma, fugindo da universalidade pela qual são construídos os

³ Faz-se importante salientar que em sua obra, Marcel Mauss se utiliza das produções teóricas de Durkheim acerca dos *factos sociais*, desenvolvendo os sentimentos como coletivos (generalidade), obrigatórios (coercitividade), além de preexistentes e determinados (exterioridade).

⁴ Outros antropólogos e antropólogas como Ruth Benedict, Clifford Geertz e Margaret Mead também trabalham o tema das emoções, mas sempre como uma espécie de complemento a um tema central.

ideais e os discursos sobre as emoções. Abu-Lughod e Lutz (1990) concluem que se os signos e as produções simbólicas da emocionalidade são diferentes entre as culturas, então não é possível que haja qualquer certeza universal sobre as práticas emocionais. Além disso, desenvolvem o “contextualismo” como forma de análise das emoções, demarcando a existência da emoção apenas mediante um contexto, explicitando o aspecto relacional existente entre interlocutores.

Outro autor importante e que inaugurou a discussão sobre as mudanças que ocorreram geográfica e historicamente, conectadas às compreensões e práticas sociais, foi Norbert Elias com sua obra *O processo civilizador* (1993). Ao analisar as formas de controle social nas sociedades ocidentais, Elias mostra as mudanças que ocorreram ao longo dos séculos no processo de formação do Estado Moderno e da civilização. Esse processo resultou no surgimento da necessidade de transformações nas regras de comportamento, orientando-se ao autocontrole dos indivíduos sobre si próprios. Assim, novos padrões de comportamento e sentimento foram introjetados por normas sociais e pelas vias educacionais e, com o tempo, alguns deixaram de ser conscientes. Essas transformações se relacionam com o deslocamento dos sentimentos do âmbito público para o privado – particular e íntimo –, centrado no sujeito e no autocontrole de si, sendo naturalizados. Em outras palavras, compreendidos como aspectos constituintes dos seres humanos.

Assim, Mauss (1980), Elias (1993) e Le Breton (2009), em seus argumentos sobre os sentimentos como construções sociais, discutem um aspecto fundamental na temática das emoções quando tomada pela análise das ciências sociais: as relações indivíduo-sociedade e particular-público. Atrelada aos aspectos psicobiológicos e, portanto, ao campo da psicologia individual, a emoção na sociedade ocidental é vista como:

[...] algo que diz respeito à singularidade psicológica do sujeito, o que a tornaria, portanto, refratária a condicionamentos de natureza sociocultural. A emoção “autêntica” seria aquela que emana do íntimo de cada um (Rezende e Coelho 2010:20).

Com base nessa perspectiva, o íntimo traz consigo uma carga de veracidade às emoções sentidas, enquanto no público estariam presentes aqueles sentimentos controlados, ou seja, as suas formas de expressão.

A partir das formulações expressas nessa seção de conteúdo teórico, será realizada a exposição descritiva do

desenvolvimento geral do filme *Her* - produzido originalmente nos EUA e lançado em 2013 – com enfoque específico em algumas cenas e elementos constitutivos desta produção cinematográfica.

Real ou artificial: a relação de emocionalidade entre Theodore e Samantha

O filme *Her* é ambientado na cidade de Los Angeles em uma realidade futura, na qual são desenvolvidas novas e avançadas formas de tecnologia. Theodore Twombly, o personagem principal, é apresentado como uma figura marcadamente melancólica e sentimental, após o término de seu casamento. Durante o filme, Theodore é envolto a todo o momento em questões emocionais. Seu trabalho consiste em escrever cartas, em sua maioria de amor romântico, para os clientes de uma empresa cujo nome é *Cartas Escritas à Mão*. A construção sentimental das cartas é perpassada por um forte grau de intimidade, uma vez que Theodore acompanha alguns clientes há um tempo prolongado, sendo possível conhecer detalhes das relações. Este é o caso de Roger e Rachel, em que, por meio de Theodore, Roger escreve para sua amada desde que se conheceram. Assim, Theodore é capaz de descrever até mesmo o detalhe do dente torto de Rachel, característica presente em uma das fotos enviada por Roger.

Um dia, ao voltar do trabalho, Theodore tem conhecimento, através de uma propaganda, do desenvolvimento de um novo sistema operacional, caracterizado como único: “A *Element Software* tem orgulho de apresentar o primeiro sistema operacional com inteligência artificial. Uma entidade intuitiva que escuta você, entende você e te conhece. Não é só um sistema operacional. É uma consciência. Apresentando: OS1”. Aqui, fica explícita a ideia de construção de intimidade, uma vez que esse novo sistema promete um alto grau de compreensão e entendimento sobre seu usuário. O personagem, então, decide comprar o produto e, quando chega à sua casa, começa o processo de iniciação do sistema operacional. Esse processo conta com a presença de algumas perguntas com o objetivo de criar um sistema voltado para as necessidades específicas do usuário como, por exemplo, “você é social ou antissocial?”, “como você descreve a sua relação com a sua mãe?”, além de ser possível escolher o gênero (e, com isso, a voz) do sistema

operacional; demonstrando o caráter personalizado e específico que se pretende constituir.

Nesse ponto, se delinea o dilema das relações indivíduo-sociedade e particular-público, abordado na primeira parte deste trabalho. O caráter íntimo se evidencia na configuração do sistema operacional em relação ao seu usuário, cuja promessa é um sistema único que entende e conhece o usuário, estando imersa no âmbito da construção de uma relação de intimidade e, conseqüentemente, de autenticidade.

É importante destacar que nessa parte inicial do filme, o elemento da autenticidade só se conecta à figura do OS1 quando relacionada ao ser humano que o utiliza, denotando uma especificidade humana da autenticidade – o sistema operacional se molda conforme as configurações escolhidas pelo usuário. Desse modo, o autêntico só é expresso efetivamente quando atrelado ao corpo biológico e, conseqüentemente, à natureza humana. Este fato permite fazer um paralelo entre a abordagem inicial do filme e a etnopsicologia ocidental, visto que ambos relacionam a biologia ao corpo, à emoção e à autenticidade. Entretanto, no decorrer do longa-metragem, é possível perceber que essa perspectiva se modifica.

Retomando a descrição do filme, na cena que se segue, ocorre o diálogo inicial entre Theodore e o sistema operacional, no qual um se apresenta ao outro e o nome “Samantha” aparece pela primeira vez, tendo sido escolhido pelo próprio sistema de inteligência artificial no instante em que Theodore pergunta por seu nome. Ela explica como funciona o seu sistema: intuição. “O meu DNA é baseado nas personalidades dos programadores que me fizeram.”, mas o que faz com que ela seja *ela* é a sua “habilidade de crescer com experiências”: “Estou evoluindo a todo o momento. Assim como você.” – neste ponto, já é possível perceber a possibilidade de construção da individualidade e personalidade próprias. Nesse diálogo, há uma forte aproximação entre as capacidades humanas e tecnológicas, construindo, para além da habilidade lógico-racional (que alguns sistemas já possuíam), uma habilidade relacional de interpretação a partir de uma consciência intuitiva. E é isso que singulariza o OS1.

Uma observação se faz importante para o desenvolvimento desta análise: a questão de gênero no filme. Tendo em vista a construção de sociedade na qual o filme é ambientado – não sendo totalmente descolado da realidade e das relações não ficcionais –, o recorte de gênero não pode ser

desconsiderado, uma vez que as produções, sejam elas tecnológicas ou das próprias relações sociais, são pautadas a partir de uma mentalidade de gênero. Dessa forma, o gênero é um aspecto fundamental quando se propõe fazer uma análise sobre temas como emoção e sentimento, posto que são elementos extremamente conectados à ideia de feminilidade – a mulher atrelada à tríade corpo-emoção-natureza. Sendo assim, a possibilidade de escolha do gênero no processo de iniciação do sistema operacional demonstra que há diferenciação das cargas de personalidade programadas para cada gênero e, conseqüentemente, possibilidade de produções sentimentais diferentes. Além disso, a própria escolha da voz feminina por Theodore demonstra certas expectativas relacionais.

No decorrer do filme, Theodore e Samantha constroem uma relação de amizade cada vez mais íntima e, com isso, novas emoções são sentidas por ela. As conversas entre os dois têm características mais pessoais e personalizadas, porém muitos momentos ainda apontam para a falta de experiências “reais” de Samantha, como no diálogo entre os dois sobre a relação de Theodore com sua ex-mulher, Catherine – acerca do constante adiamento à assinatura dos papéis do divórcio por parte de Theodore:

Theodore: Não estou pronto. Eu gosto de estar casado.

Samantha: Mas vocês estão separados há quase um ano.

T: Você não sabe como é perder alguém que você gosta.

S: Você está certo. Desculpe.

T: Não se desculpe. Eu sinto muito. Você está certa. Fico esperando porque me importo com ela.

O convívio entre eles está sempre imerso em questões sentimentais, seja nas conversas íntimas, seja nos momentos em que os dois observam as relações e envolvimentos de terceiros em ambientes públicos. Por meio de uma câmera que Theodore carrega no bolso da camisa, Samantha quase sempre tem acesso ao mundo exterior e às vivências humanas. Desse modo, ela constitui seus pensamentos e seus sentimentos a partir das experiências e do contato com as dinâmicas de convívio social, para além da relação com seu usuário pessoal.

Em determinado momento do filme, há uma cena em que fica explícito o dilema construído em torno do pensamento e da experiência no sistema operacional com inteligência artificial. Durante uma conversa com Theodore, Samantha demonstra

certo desconforto sobre as sensações e emoções que sente, se questionando se seriam reais:

S: Como é a sensação? Como é a sensação de estar vivo no quarto? [...] Pelo menos os seus sentimentos são reais. Não sei. Deixe para lá.

T: Não, espere. Me diz.

S: Mais cedo eu estava pensando em como estava irritada... Isso vai parecer estranho (*risos*). Eu fiquei animada com isso. E aí pensei sobre outras coisas que estive sentindo... E senti orgulho disso, orgulho de ter sentimentos sobre o mundo. Às vezes que eu fiquei preocupada com você. Coisas que me machucaram, coisas que eu quero. E aí... Tive um pensamento terrível. Esses sentimentos são reais? Ou são só programação? Essa ideia me machuca. E fico com raiva de mim mesma por sentir dor. É algo triste.

T: Você parece real para mim, Samantha.

S: Obrigada, Theodore. Isso significa muito para mim.

Esse momento do filme necessita atenção. É importante falar sobre as distintas significações que as palavras possuem nos diferentes idiomas. Desse modo, no idioma original, a frase dita por Theodore se expressa da seguinte forma: “*You feel real to me, Samantha*”. É possível perceber uma conotação diferente da tradução em português – “Você parece real para mim, Samantha” –, dada por Theodore; em português, *feel* significa *sentir*. Nesse sentido, para além de uma percepção, Theodore faz referência ao sentimento e sensações relacionados à existência de Samantha. Desse modo, ele é capaz de sentir a presença dela, uma espécie de corporificação de Samantha em sua vida e experiências cotidianas.

O diálogo construído nessa cena é de fundamental importância para o desenvolvimento do trabalho, pois explicita diversos elementos que demonstram um caráter coletivo e social sobre os quais Samantha reflete. Essa reflexão perpassa questionamentos não só sobre si própria, mas também de si em relação aos outros e, em específico, em relação a Theodore. A dúvida acerca da realidade de seus sentimentos é especialmente significativa. É a partir desse dilema entre artificialidade e realidade do sistema operacional com inteligência artificial (Samantha) sobre o pano de fundo da biologia (ou melhor, da não biologia) que este trabalho se debruça, tendo como finalidade demonstrar como os sentimentos e emoções experienciados

durante o filme⁵ são construções que se iniciam e se complexificam por meio das relações sociais.

Por fim, outro aspecto relevante presente no diálogo acima é a questão do pertencimento social. Pertencer faz parte de uma dinâmica social reflexiva, isto é, o sujeito pertence na medida em que faz parte de um grupo social e na medida em que é reconhecido por este grupo⁸. Samantha, ao agradecer e comentar o significado que possui o reconhecimento dado por Theodore a ela – em sentimento e existência –, denota a presença não só de certas expectativas que possui, como também faz alusão, indiretamente, ao sentimento de pertencimento.

O caráter social das emoções

Quando Mauss (2003) fala em *técnica corporal* e Le Breton (2009) em *normas coletivas e sociais*, eles se referem a aprendizados muitas vezes sutis e quase imperceptíveis que acompanham os seres humanos desde a tenra infância, condicionando e naturalizando práticas corporais e formas de pensar que, na verdade, foram sendo constituídas ao longo do tempo e de acordo com as configurações culturais de determinados lugares. Dessa forma, entendendo que essas normas e técnicas funcionam como formas de “programar” as condutas e pensamentos humanos, é possível traçar uma analogia à carga de personalidade programada inicialmente à Samantha no filme *Her*. Assim como a programação de uma forma de tecnologia diz respeito a códigos e informações predeterminadas objetivando um fim prático, as formas e métodos de educação e disciplina dos seres humanos se constituem por normas e códigos sociais responsáveis por direcioná-los a ações e reações específicas, objetivando, na maioria das vezes, fins práticos.

⁵ As análises serão feitas com base apenas nos sentimentos apresentados no filme e citados no presente trabalho, não sendo referidas, necessariamente, a todas as expressões dos sentimentos.⁸ Norbert Elias, em *Os estabelecidos e os outsiders* (2000) discorre sobre a dinâmica de relações de poder e de pertencimento a partir da análise de uma pequena cidade inglesa. Nesta obra, há a presença de grupos estabelecidos – aqueles que compõem a cidade há um longo período de tempo – e de grupos marginalizados – os *outsiders*, um grupo mais novo de residentes. Os sujeitos *outsiders* não são reconhecidos socialmente no contexto social da cidade estudada pelo autor e, portanto, não estão integrados a esta, seu pertencimento é invalidado e negado.

Dessa forma, Samantha, ao iniciar seu “contato social” com Theodore, já possui em seu sistema, dados e informações de seus programadores que, inseridos em uma sociedade cujos sentidos são compartilhados e as produções emocionais são coletivas, estão submetidos a essas regras sociais. Mesmo Samantha não tendo “crescido” na sociedade, isto é, não estando inserida desde cedo em um contexto social específico, ela foi “socializada” por meio dessas informações iniciais. Os pensamentos e sentimentos produzidos por ela não estão, portanto, descolados das construções sociais. Ainda, como exposto anteriormente, a própria constituição de Samantha enquanto gênero feminino já imputa significados simbólico-sociais do contexto em que ela se insere.

Como argumenta Elias (2001), o *sentido* é um elemento constituído por pessoas em grupos mutuamente dependentes de uma forma ou de outra, e que podem comunicar-se entre si. O ‘sentido’ é uma categoria social; o sujeito que lhe corresponde é uma pluralidade de pessoas interconectadas (Elias 2001:63).

O caráter social é, portanto, idiossincrático ao sentido. Assim, de modo análogo ao *sentido* de Elias, que não existe pura e simplesmente no campo da intimidade e do particular, as emoções também não. Ambos se constituem de forma relacional entre interlocutores inseridos em contextos sociais específicos, preenchidos de significados simbólicos, caracterizando e sendo caracterizados pelas interações sociais.

Retomando o debate entre biológico e social realizado pela antropologia das emoções, Arlie Hochschild (2013), ao fazer a exposição das abordagens organísmica e interativa, trabalha a oposição entre emoções no campo biológico (como algo instintivo) e no campo social – não só afetando o modo pelo qual as emoções são estimuladas e expressas, como também orientando as micro-ações da rotulação, da interpretação e do *gerenciamento da emoção*. A autora se posiciona pela corrente interativa ao apontar o trabalho emocional como “o ato de evocar ou modelar, bem como suprimir o próprio sentimento” (Hochschild 2013:185). Essa construção demonstra o caráter estritamente social do trabalho emocional.

Assim, o dilema exposto por Samantha entre artificialidade e realidade pode ser colocado no centro do debate sobre a desessencialização das emoções. De acordo com Samantha, o que imputa a seus sentimentos uma posição de

artificialidade é a sua condição de produto tecnológico, isto é, que não possui um corpo físico como os seres humanos; que não possui biologia. Em contrapartida, o que configura um sentimento real, como os de Theodore, por exemplo, é a materialidade biológica de seu corpo. No entanto, partindo do método de análise da antropologia das emoções, os sentimentos e emoções são construções sociais passíveis de modulações e, portanto, seus sentidos e expressões são coletivos, retirando o tema do campo biológico. Assim, o próprio dilema é posto em xeque. Todas as emoções que Samantha sente – a partir da carga inicial de personalidade que ela foi programada a ter e a partir do contato com o mundo externo – partem das experiências cotidianas de sociabilidade e do contato com os sentidos dados coletivamente.

Em paralelo a essa discussão, a autora Romina Del Monaco (2014), trabalha com a dor da enxaqueca relacionada à questão emocional, apontando para a enxaqueca como uma ruptura com modos normalizados de sofrimentos que afetariam, como resultado, diretamente o corpo. Em outras palavras, a autora demonstra que as emoções podem perpassar os corpos e conferir realidade por meio da dor sentida – seja pelo estresse, ansiedade, ou por características da vida urbana, por exemplo. Dessa forma, na temática do corpo, pode-se fazer uma relação inversa à abordagem biológica dos estudos das emoções. Se para uma leitura biológica das emoções o corpo constitui (e permite a existência de) realidade aos sentimentos, para a antropologia das emoções os sentimentos e suas expressões, muitas vezes, conferem a materialidade de certas sensações e reações corporais.

O argumento de Monaco (2014) é bem ilustrado por uma cena específica do filme em que Samantha e Theodore, após um diálogo sobre as categorias real e artificial, se envolvem íntima e sexualmente. Esse envolvimento ocorre de forma abstrata, uma vez que o sistema operacional não possui corpo biológico. Entretanto, conforme se desenvolve essa relação íntima, ambos atingem uma experiência sensorial corporificada. Por meio de ações que Theodore descreve, como toques e carinho, um abraço e um beijo, Samantha é capaz de produzir não só ideias sensíveis e abstratas, mas sensações que se materializam e são “corpóreas”. Como demonstrado por algumas falas:

S: É incrível o que você está fazendo comigo. Eu consigo sentir minha pele.

[...] Eu posso sentir você. [...] Estamos aqui juntos.

T: É incrível. Sinto você em todos os lugares.

Desse modo, o dualismo fundamental da etnopsicologia ocidental moderna proposto por Lutz (1988) sobre corpo/mente e emoção/razão, traduzido no filme como corpo-emoção-Theodore e mente-razão-Samantha ⁶, é passível de ser desmembrado em uma análise antropológica, demonstrando que a relação entre o corpo e as cargas emocionais faz parte de um contexto social específico, responsável por conferir realidade a estes dois campos – corpo e emoção.

Como desenvolvido por Mauss (1980), mesmo a expressão dos sentimentos tendo um caráter unicamente coletivo e obrigatório, a intensidade na manifestação dos sentimentos não é anulada. Em sua compreensão:

todas as expressões coletivas, simultâneas, de valor moral e de força obrigatória dos sentimentos do indivíduo e do grupo, são mais que meras manifestações, são sinais de expressões entendidas, quer dizer, são linguagens (Mauss 1980:153).

Por conseguinte, a expressão dos sentimentos faz parte de uma gramática simbólica da vida social. É uma linguagem codificada, um modo de manifestar os sentimentos aos outros; é necessário e faz parte de uma configuração social. Portanto, quando o sentimento é expresso para o outro (obrigatório), também é expresso para si mesmo (intensidade): “Manifesta-se a si, exprimindo aos outros, por conta dos outros. É essencialmente uma ação simbólica.” (Mauss 1980:153).

Nesse sentido, assim como a obrigatoriedade da expressão dos sentimentos não anula sua intensidade, a não construção corporal biológica de Samantha também não a retira do convívio social da realidade. Dessa forma, Samantha existe, produzindo e reproduzindo signos elaborados sobre as manifestações emocionais, tanto quanto seu usuário Theodore. Este fato fica evidente ao observar que a relação entre os dois se desdobra em uma relação amorosa, demonstrando a possibilidade de produção emocional recíproca e intensa em ambos os lados; o sentimento “real” está presente na relação e é compartilhado por ambos os sujeitos.

⁶ Sob a ótica da etnopsicologia ocidental moderna, Samantha representaria a mente e razão humanas, uma vez que foi construída seguindo as bases da lógica humana, porém não haveria possibilidade de desenvolvimento de racionalidade própria.

Considerações finais

O exercício de análise que buscou se realizar neste trabalho objetiva contribuir para a discussão social e cultural das emoções, por meio de uma perspectiva não convencional: o ente tecnológico com inteligência artificial, capaz de desenvolver sentimentos e emoções. Entretanto, é sabido que o filme *Her* trata-se de uma produção ficcional. Desse modo, as conclusões atingidas aqui não dizem respeito a uma realidade concretizada, mas apresentam possibilidades teóricas e reflexivas.

Utilizando como base a personagem Samantha do filme *Her* enquanto ente capaz de construir emocionalidade, além de individualidade e subjetividade próprias, a análise aqui proposta buscou desenvolver uma investigação acerca do caráter socialmente construído das emoções, de sua expressão e de suas interpretações. Calcado nas discussões teóricas das ciências sociais sobre biologia e cultura, foi possível demonstrar que não só as emoções são produtos das relações de convívio, mas também suas significações e sentidos sociais. Samantha exemplifica como sua condição não biológica foi capaz de configurar realidade e circunscrever os sentimentos e seus modos de expressão.

Por meio da análise de dois entes drasticamente opostos - ser humano e tecnologia -, se estruturou o pressuposto inicial deste trabalho, no qual as emoções são construções sociais. Sendo possível argumentar que, mesmo sem elementos biológicos constitutivos, a personagem Samantha desenvolveu não só sentimentos, mas também uma relação interpessoal com seu usuário, Theodore. Portanto, é justamente o fato tecnológico que permite inferir essa realidade marcadamente social das emoções, uma vez que o próprio sistema operacional de inteligência artificial vivenciou as emoções e seus modos de expressão, estando circunscrito às dinâmicas gramaticais dos sentimentos.

Em suma, partindo da exposição teórica do paradigma da antropologia das emoções e com o intuito de demonstrar por vias argumentativas o caráter sócio-histórico das emoções e sentimentos, conclui-se que estas categorias se constituem e se manifestam na vida dos sujeitos por meio de redes coletivas de interdependência. Assim, a expressão dos sentimentos (para si e para os outros), a emocionalidade e os signos produzidos por meio de ambos, apresentam-se como constitutivamente sociais.

Referências Bibliográficas

- ABU-LUGHOD, Lila e LUTZ, Catherine. 1990. "Introduction". In: Lila Abu-Lughod e Catherine Lutz (orgs.). *Language and Politics of Emotion*. New York, Cambridge University Press, p.1-23.
- DEL MONACO, Romina. 2014 "Emociones, género y moralidades: modos de padecer migranã em Buenos Aires, Argentina". *Antipod. Rev. Antropol. Arqueol.*19: 121-142. DOI: <http://dx.doi.org/10.7440/antipoda19.2014.06>.
- ELIAS, Norbert. 1993. *O processo civilizador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- ELIAS, Norbert. 2000. *Os estabelecidos e os outsiders: Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda.
- ELIAS, Norbert. 2001. *A solidão dos moribundos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- HOCHSCHILD, Arlie. 2013. "Trabalho Emocional, Regras de Sentimentos e Estrutura Social". In: Maria Cláudia Coelho (org.). *Estudos sobre Interação: textos escolhidos*. Rio de Janeiro: EdUERJ.
- LE BRETON, David. 2009 *As paixões ordinárias*. Petrópolis: Vozes.
- LUTZ, Catherine A. 1988. *Unnatural emotions: everyday sentiments on a Micronesian atoll & their challenge to Western theory*. Chicago: University of Chicago Press.
- MAUSS, Marcel. 1980. "A Expressão Obrigatória dos Sentimentos". In: Sérvulo Figueira (org.). *Psicanálise e Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Francisco Alves. p. 56-63.
- MAUSS, Marcel. 2003 "As técnicas do corpo". In: Marcel Mauss. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Naify. p. 399-422.
- ORTNER, Sherry B. 1979. "Está a mulher para o homem assim como a natureza para a cultura?". *O mundo hoje* 31: 95-118.
- REZENDE, Claudia B. 2002. "Mágoas de amizade: um ensaio em antropologia das emoções". *MANA* 8(2): 69-89.
- REZENDE, Claudia e COELHO, Maria Claudia. 2010. *Antropologia das emoções*. Rio de Janeiro: Editora FGV.

Enviado: 24/09/2022

Aceito: 06/01/2023